

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

MOZART LUIZ TAVARES DA SILVA GOMES

**UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO ENUNCIADO PROTOTÍPICO
“JUSTICIAPARA” NO VETOR-GÊNERO TWITTER**

MACEIÓ- AL

2022

MOZART LUIZ TAVARES DA SILVA GOMES

**UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO ENUNCIADO PROTOTÍPICO
“JUSTICIAPARA” NO VETOR-GÊNERO TWITTER**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção de grau no curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Espanhola pela Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita Maria Diniz Zozzoli

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Kristianny Brandão B. de Azambuja

MACEIÓ- AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

G633a Gomes, Mozart Luiz Tavares da Silva.

Uma análise dialógica do enunciado prototípico “justiciapara” no vetor-gênero twitter / Mozart Luiz Tavares da Silva Gomes. – 2022.
56 f.

Orientadora: Rita Maria Diniz Zozzoli.

Coorientadora: Kristianny Brandão B. De Azambuja
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Espanhol) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 54-56.

1. Dialogismo. 2. Justiciapara (Enunciado). 3. Twitter (Rede social on-line) I. Título.

CDU: 81'42

Dedicatória

À Rita Zozzoli, que por diversas vezes me mostrou os prazeres e encantamentos que os estudos linguísticos podem proporcionar à alma;

A todos os professores que me incentivaram a seguir nos estudos, desde a educação básica até a graduação;

A mim mesmo, pois só eu sei o que me custou chegar aqui;

A minha mãe, que desde sempre foi exemplo de pessoa, profissional e amante da linguagem;

Aos internautas, pois foi graças aos seus tuítes que consegui desenvolver esse trabalho;

A Saussure e Bakhtin, pois foram as ideias deles que me fizeram perceber que meu lugar no mundo é estudando o fenômeno que é a língua/linguagem.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Alagoas, por ter aberto as portas e me proporcionado o contato com a pluralidade e o debate de ideias;

À Faculdade de Letras, por ter sido minha segunda casa durante esses anos de graduação;

À Fapeal, por conceder bolsa de pesquisa durante o tempo em que estive na Universidade;

Ao corpo docente da Faculdade de Letras pelo conhecimento compartilhado;

À professora Rita Zozzoli, por ter acompanhado os meus passos desde o início da graduação, incentivando e contribuindo para minha formação como docente e pesquisador;

Aos meus pais, por todo o apoio, incentivos e confiança ao longo da jornada que me trouxe até aqui.

Às demais pessoas que de alguma forma me ajudaram nesse caminho rumo ao diploma.

"Se não esperamos nada da palavra, se sabemos de antemão tudo o que ela pode dizer, ela sai do diálogo e se coisifica."

(Mikhail Bakhtin)

RESUMO

Nesta pesquisa, por meio de análises dialógicas do enunciado prototípico (ZOZZOLI, 2018) “*JusticiaPara*”, localizado no vetor-gênero *Twitter*, pretendo estudar a possível formação de um fenômeno linguístico proveniente de discursos existentes nesse ambiente de rede social em questão. Para isso, utilizo uma metodologia qualitativa de cunho netnográfico (FERRO, 2015), pois meu foco de estudo são os discursos manifestados por sujeitos de uma comunidade que não possui localidade física, mas sim virtual, além de que os dados foram coletados virtualmente, por meio de capturas de tela (*prints*), que é outra característica própria da netnografia. Todos os dados foram selecionados dentro da rede social *Twitter*, à qual me refiro como sendo um vetor-gênero, ou seja, a junção dos entendimentos de vetor (FRANÇOIS, 1998) aos de gênero do discurso (BAKHTIN, 2016). Para compor a base teórica e conceitual desta pesquisa, perpasssei por diversas áreas do conhecimento, como é esperado de uma pesquisa em linguística aplicada (MOITA LOPES, 2006). Utilizei autores da teoria dialógica, como Bakhtin (2002, 2016) e Volóchinov (2017); da área da comunicação e redes sociais, como Cogo e Brignol (2011), Recuero (2014) e Sousa (2015). Também me vali de autores como por exemplo: De Paula (*et al.* 2017, 2020), para abordar a tridimensionalidade da linguagem; Freitas e Barth (2015) para tratar do *Twitter* como gênero, e Vian e Rojo (2020) para falar de textos multimodais. De acordo com o observado nesta pesquisa, pude entender que existe uma convivência compartilhada (AUTHIER-REVUZ, 2007 *apud.* ZOZZOLI, 2018) pelos sujeitos que utilizam o enunciado prototípico “*JusticiaPara*”, potencializada pelo vetor virtual de propagação discursiva do qual se valem (*Twitter*), de forma a gerar um fenômeno linguístico que transpassa barreiras demográficas, sociais e culturais.

Palavras-chave: Enunciados prototípicos. *Twitter*. *JusticiaPara*. Dialogismo

RESUMEN

En esta investigación, por medio del análisis dialógico del enunciado prototípico (ZOZZOLI, 2018) “JusticiaPara”, ubicado en el vector-género *Twitter*, pretendo estudiar la posible formación de un fenómeno lingüístico por medio de los discursos existentes en el entorno de la red social en cuestión. . Para ello utilizo una metodología cualitativa de carácter netnográfico (FERRO, 2015), debido a que mi enfoque de estudio son los discursos expresados por sujetos de una comunidad que no tiene una ubicación física, sino virtual, además del hecho que los datos se recolectaron virtualmente, a través de capturas de pantalla (prints), que es otra característica de la netnografía. Todos los datos fueron seleccionados dentro de la red social *Twitter*, a la que me refiero como género-vector, es decir, la unión del entendimiento de vector (FRANÇOIS, 1998) con el de género discursivo (BAKHTIN, 2016). Para componer el enbasamento teórico y conceptual de esta investigación, pasé por varias áreas de conocimiento, como se esperar de una investigación en lingüística aplicada (MOITA LOPES, 2006). Utilicé autores de la teoría dialógica, como Bakhtin (2002, 2016) y Volóchinov (2017), ya en el área de comunicación y redes sociales, utilicé autores como Cogo y Brignol (2011), Recuero (2014) y Sousa (2015). También hice uso de autores como: De Paula (et al. 2017, 2020), para abordar la tridimensionalidad del lenguaje, Freitas y Barth (2015) para abordar el *Twitter* como género, y Vian y Rojo (2020) para hablar de textos multimodales. De acuerdo a lo observado en esta investigación, pude entender que existe una connivencia compartida (AUTHIER-REVUZ, 2007 *apud.* ZOZZOLI, 2018) por parte de los sujetos que utilizan los enunciados prototípicos “JusticiaPara”, potenciada por el vector virtual de propagación discursiva que utilizan (*Twitter*), de modo a generar un fenómeno lingüístico que trascienda las barreras demográficas, sociales y culturales.

Palabras clave: Enunciados prototípicos. *Twitter*. JusticiaPara. dialogismo

LISTA DE ABREVIACOES

- a. **DM** – Do inglês (*Direct mensseger*), que traduzindo fica “mensagem direta”;
- b. **EB** – Enunciado-base;
- c. **EP** – Enunciado Prototípico;
- d. **HT** – Hashtag;
- e. **RDO** – Representao do discurso outro;
- f. **TT** – *Twitter*;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. BASE TEÓRICA E CONCEITUAL	13
2.1. A relação entre gênero discursivo e vetor.....	13
2.2. O <i>Twitter</i> como vetor-gênero.....	19
2.3. Enunciados prototípicos e hashtags	27
3. OBJETIVOS.....	32
3.1. Gerais	32
3.2. Específicos:.....	32
4. PERGUNTAS DE PESQUISA.....	33
5. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	34
6. O ENUNCIADO PROTOTÍPICO “JUSTICIAPARA”.....	40
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
8. REFERÊNCIAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala em redes sociais, é comum que o pensamento seja direcionado para uso delas como meio de entretenimento, lazer e até distração. Abordar a temática das redes sociais como sendo um meio de pesquisa é algo que vem crescendo nos últimos anos, principalmente porque a forma como a sociedade se comunica vem acompanhando tal crescimento. Por isso, Recuero e Soares (2013) dizem que os sites de rede social causaram um grande impacto na vida das pessoas, mudando a forma como interagem socialmente, constroem e ressignificam valores pessoais e coletivos.

Partindo dos dizeres das autoras, decidi estudar, desde 2018, fenômenos linguísticos existentes dentro de ambientes virtuais como o *Twitter* (TT), *Facebook*, *sites* e *blogs*. Nessa época, estudava enunciados referentes às eleições presidenciais que ocorriam naquele ano, pois surgia no diálogo social (VOLÓCHINOV, 2017) uma oposição: “Ele não” *versus* “Ele sim”. Zozzoli (2018) os vai chamar de enunciados prototípicos (EPs), pois eles reúnem condições para serem disseminados em uma mesma dimensão cronotópica (BAKHTIN, 2002), ou em dimensões diferentes, podendo sofrer alterações no linguístico e no não linguístico, atingindo uma resposta direta ao invés de uma argumentação explícita.

Esses dois enunciados ganharam proporções gigantescas, extrapolando as fronteiras nacionais e atingindo diversos outros países ao redor do mundo. Além disso, trouxeram à tona uma luta de ideologias, dividindo a sociedade em dois polos. Para entender como aconteceu essa polarização, comecei a estudar os EPs desde o seu nível mais básico: suas constituições formais, ou seja, busquei entender como era estruturado um enunciado prototípico e o que cada parte representava dentro do todo discursivo. Cheguei a algumas conclusões, mas a principal foi o entendimento de que existem duas partes que compõem os EPs: a parte primária e a parte secundária. São essas partes que vão oferecer ao discurso uma localização dentro de um tema e de um contexto, sequencialmente.

Uma vez que o outro do discurso se localiza dentro do tema e do contexto, o interlocutor é feliz no seu processo de alusão (AUTHIER-REVUZ, 2007) e dessa forma

se cria uma rede de convivência compartilhada (AUTHIER-REVUZ, 2007 *apud*. ZOZZOLI, 2018) em que os interlocutores se apoiam uns nos outros devido a retomadas constantes dos seus discursos. Adicionando a isso a capacidade das redes sociais de conectar diversos sujeitos por meio de único vetor (FRANÇOIS, 1998) de comunicação, que, por sua vez, permite aos interlocutores buscar e repercutir contextos por meio de elementos, comumente virtuais, como a *hahstag* (RECUERO, 2014), obtém-se um fenômeno linguístico originário das redes sociais e que é capaz de atingir níveis além do virtual, ocupando desde estampas de camisas até as ruas, seja por manifestações políticas, pichações, cartazes, entre outros.

É por entender que esse tipo de fenômeno não é um acontecimento isolado, nem é exclusivo do Brasil, que tomei a decisão de desenvolver uma pesquisa que fosse além das fronteiras brasileiras, mas sem abandonar as redes sociais. Procurei estudar fenômenos linguísticos semelhantes ao presenciado pelos brasileiros no ano de 2018 (e que repercute até a atualidade), e como estou buscando o título de licenciado em Letras – Espanhol, achei que seria conivente, juntar os dois. Desse modo comecei a procurar nas redes sociais enunciados prototípicos em língua espanhola que tivessem uma proporção social tão grande quanto a oposição brasileira de 2018. Encontrei, então, o EP “*JusticiaPara*”, que em uma tradução livre significa “JustiçaPara”, e que é utilizado em discursos propagados em língua espanhola, quando querem buscar justiça perante algo que aconteceu. Esse mesmo EP pode existir em outras línguas, como por exemplo: “*JusticeFor*” em inglês, “*JusticePour*” em francês e até “JustiçaPara” em português. Contudo, esta pesquisa não abordará dados de outros idiomas que não sejam a língua espanhola.

Percebi que as variações desse EP em língua espanhola eram tão plurais, que necessitei atribuir um contexto específico, de forma que a pesquisa tivesse um *corpus* mais bem delimitado, e que me fosse possível visualizar melhor as possíveis nuances dialógicas existentes dentro do contexto escolhido. Optei por pesquisar os enunciados prototípicos referentes à busca de justiça por crimes cometidos contra as mulheres. Assim sendo, o corpus desta pesquisa é composto totalmente de EPs em língua espanhola, coletados em uma rede social específica – o *Twitter* – e que abordam a busca de justiça por crimes que têm como vítimas mulheres.

Ao longo do corpo desta monografia será possível entender todas as etapas que compuseram esta pesquisa, a começar pela base teórica e conceitual que trata de oferecer uma explanação das noções teóricas e dos conceitos principais a serem trabalhados ao longo do corpo do texto. No tópico 2.1 da base teoria e conceitual é possível ler sobre a relação entre gênero discursivo – de acordo com Bakhtin (2019) – e vetor, de acordo com François (1998) e Zozzoli (2015, 2016, 2018, 2020). É neste tópico, também, que explico o motivo de não utilizar terminologias mais empregadas, como suporte ou veículo.

Ainda na base teórica e conceitual, mas já no tópico 2.2, proponho um novo termo que utilizo ao me basear nos entendimentos apresentados no tópico anterior. O termo: vetor-gênero. Além de apresentar esse novo termo, aplico-o ao *Twitter* e explico o porquê da minha pesquisa possuir a necessidade de unir o conceito de gênero e o conceito de vetor para se referir à rede social TT. Para isso, apresento estudos da área da comunicação e das redes sociais, como por exemplo: Recuero e Zago (2010) e Sousa (2015), da mesma forma que apresento estudos da área da linguagem, trazendo autores como Bakhtin (2002, 2016), Moita Lopes (2006), Volóchinov (2017), Zozzoli (2015, 2016, 2018, 2020) e Paula e Luciano (2020).

Em continuação, mas agora no tópico 2.3 da base teórica e conceitual, discorro sobre o elemento mais importante desta pesquisa: os enunciados prototípicos (Zozzoli, 2018). Para isso, traço uma linha explicativa que vai abordar todo o progresso da pesquisa desde 2018, correlacionando aos estudos de Zozzoli e fazendo um paralelo com Recuero para mostrar as diferenças entre um EP e uma *hashtag* (HT), a fim facilitar o entendimento e percepções das nuances existentes entre esses dois elementos que costumam coexistir.

Finalizada a base teórica e conceitual, apresento os meus objetivos gerais e específicos, para em seguida mostrar as perguntas de pesquisa que serviram como direcionadoras ao longo de todo o processo de elaboração desta monografia. Uma vez que os objetivos e as perguntas de pesquisa foram apresentados, parto para o tópico cinco: a metodologia, que por sua vez assumiu um caráter qualitativo, como é comum às pesquisas na área da LA de cunho netnográfico. É no tópico cinco que explico o que é netnografia e o porquê dela não ser uma transposição direta da pesquisa de cunho etnográfico para o ambiente virtual.

Avançando para o tópico intitulado “O enunciado prototípico ‘*JusticiaPara*’” será possível ler minha análise do EP em estudo, de acordo com o que foi descrito desde a base teórica e conceitual até a metodologia. Será nesse tópico que apresentarei os entendimentos obtidos, bem como alguns dos dados coletados. Por fim, a conclusão se dará apenas no tópico seguinte: Considerações finais. Será nele que reunirei todo o exposto até então para chegar até uma conclusão, retornando às perguntas de pesquisa e as respondendo de acordo com o averiguado ao longo da pesquisa.

2. BASE TEÓRICA E CONCEITUAL

2.1. A relação entre gênero discursivo e vetor

É principalmente a partir de Bakhtin que os estudos dos gêneros do discurso vêm se desenvolvendo dentro do meio acadêmico. Ao longo dos anos, muitos pesquisadores perceberam uma necessidade em aprofundar os estudos em torno da teoria dialógica, atrelando-a à diversas áreas, como por exemplo, a literatura, o jornalismo, o marketing, e a educação – mais especificamente no ensino e aprendizagem de línguas. Contudo, nesta monografia vinculo a teoria dialógica à área da comunicação virtual, focalizando nos discursos existentes no vetor-gênero¹ *Twitter*.

Devido a isso, procuro entender a natureza do gênero discursivo do ambiente dialógico em que esta pesquisa se desenvolveu, já que Bakhtin afirma que a diversidade funcional dos gêneros gera a impressão de que seus traços comuns são abstratos e inoperantes. Isso ocorre porque gêneros como o relato familiar, a carta, o diálogo cotidiano, a ordem militar e o universo das declarações públicas (BAKHTIN, 2016), causam um entendimento de que existe uma diversidade tão grande que não se estabeleceria um campo comum de estudo. Quando se aplica tal entendimento à realidade do século XXI, torna-se imprescindível reconhecer um aumento nessa diversidade, porque a sociedade desenvolveu outras formas de estabelecer diálogos, culminando no desenvolvimento de novos gêneros do discurso.

Ademais da variabilidade dos gêneros discursivos, Bakhtin diz que desde a antiguidade se estudou mais os gêneros literários, e “[...] num corte da sua especificidade artístico-literária, nas distinções diferenciais entre eles [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 13), sem serem estudados como tipos diferentes de enunciados, mas que possuem uma natureza linguística comum. Contudo, quando – na antiguidade – se partia para o estudo dos gêneros retóricos, era possível ver uma maior preocupação em levar em consideração a natureza verbal do enunciado e seus princípios constitutivos, principalmente no que se refere à relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado, mas, mesmo assim, a especificidade dos gêneros retóricos não permitia ver a sua natureza geral.

¹ Definição desta nomenclatura mais a frente.

No que diz respeito à linguística de sua época, Bakhtin critica Saussure, os estruturalistas e os behavioristas americanos porque se limitavam à especificidade do discurso oral do dia-a-dia. O autor comenta que esses estudos linguísticos não contemplavam a totalidade correta da natureza linguística do enunciado, porque se limitavam a evidenciar o discurso cotidiano oral, utilizando para isso, no caso dos behavioristas, enunciados primitivos. E o teórico russo afirma, assim, que “Jamais se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado.” (BAKHTIN, 2016, p. 15), porque a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, uma vez que a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera comporta um repertório de gêneros que vai se diferenciando e se ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Proponho, então, a figura 1, que apresenta – de maneira simplificada – o esquema de elaboração do enunciado de acordo com Bakhtin (2016).

Figura 1 - Esquema de elaboração do enunciado



Fonte: Elaborada pelo autor

Segundo o autor, é a união indissociável do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional que geram enunciados relativamente estáveis, que são os gêneros do discurso. Esses enunciados são elaborados por uma determinada esfera de utilização da língua e cada esfera gera enunciados que refletem suas particularidades, sendo por meio deles que se efetua a utilização da língua, e essa se apresenta composta, conseqüentemente, de tais particularidades, relacionando-se com a esfera da atividade

humana e dialogando com as particularidades próprias desta, gerando assim, enunciados concretos e únicos.

Após essas reflexões referentes aos estudos dos gêneros do discurso, Bakhtin apresenta duas definições que vão dar corpo ao seu estudo. São elas: a noção de gênero de discurso primário e gênero de discurso secundário. Gêneros primários seriam os que possuem uma simplicidade composicional, ou seja, não demandam demasiada articulação construtiva. Em contrapartida, os gêneros secundários, possuem uma composição com mais elementos e características. Por exemplo: o diálogo cotidiano é um gênero primário, pois possui apenas os dizeres do eu e o outro do discurso em uma situação de diálogo direta; já no gênero secundário romance, existe uma multiplicidade de vozes e de gêneros do discurso, sejam de caráter primário ou secundário. Acontece que esses gêneros não são independentes, eles trabalham para construir o enredo, e, portanto, fazem parte da construção da totalidade do gênero romanesco, configurando um gênero secundário.

É importante informar que essa dualidade primário/secundário não é excludente. Na teoria dialógica existe a esfera da comunicação humana (BAKHTIN, 2016), que é composta por fios dialógicos vivos que se tocam e se cruzam a todo o momento, tornando o ato da comunicação algo totalmente correlacionado, em que uma noção é complementada/está intrinsecamente ligada a outra. Sendo assim:

Esses gêneros primários, ao se integrarem aos complexos, nestes se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios[...] (BAKHTIN, 2016, p. 15).

Bakhtin (2016, p. 37-38), afirma, também, que “A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de certo gênero de discurso*².”, e que essa escolha se determina de acordo com as especificidades de uma dada esfera da comunicação verbal, levando em consideração as necessidades da temática e do “conjunto constituído dos parceiros”, que, no caso desta pesquisa podemos entender como os internautas, os

² Itálico proveniente da edição de 2016 da editora 34.

usuários do *Twitter*. Usuários que naturalmente ocupam, a sua vez, os lugares de locutor e do outro no discurso. Dessa forma fica explicitado o desenvolvimento da elaboração do discurso, pois, “[...] a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gênero” (BAKHTIN, 2016, p. 38). Vale ressaltar que não é só o sujeito com seu intuito discursivo que decide sobre o gênero a ser utilizado. Bakhtin (2016) ainda explicita que a escolha do gênero do discurso pelo locutor é determinada:

[...] pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetivas (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. (p. 38).

É válido mencionar que esta monografia é resultado de uma pesquisa contínua que se desenvolve desde 2018, referente a dois³ ciclos de pesquisa PIBIC⁴ orientados pela professora Rita Zozzoli. Durante esses anos trabalhei com discursos variados, porém, todos ambientados em meios virtuais de propagação discursiva, o que me levou a empregar o conceito de vetor utilizado por Zozzoli (2015, 2016, 2018, 2020) em suas pesquisas. Tal conceito provém dos estudos de François (1998) para se referir ao meio em que o discurso está sendo disseminado. Essa escolha diferencia a perspectiva do pesquisador em relação às formas de manifestações discursivas que ele pode encontrar no *corpus* dos dados coletados, trazendo uma abordagem mais abrangente e maleável do que o entendimento de suporte, típico dos estudos da linguística textual. Afinal, de acordo com Bakhtin (2016), os gêneros do discurso são plásticos, assim como as esferas que os compõem, logo, me foi necessário recorrer a um conceito tão amplo e plástico tais quais as possibilidades discursivas que eu poderia encontrar ao longo da pesquisa.

A necessidade de malear o entendimento com respeito à noção de suporte veio principalmente do fato de que a pesquisa foi desenvolvida em um ambiente virtual de propagação discursiva (BAKHTIN, 2016): o *Twitter*. A intenção de análise não foi entender os dados apenas como textos digitais, mas sim como manifestações

³ Ciclo 2018/2019 e ciclo 2019/2020.

⁴ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica.

provenientes da esfera da atividade humana, executadas por meio da esfera de utilização da língua, desenvolvendo-se em uma esfera maior: a da comunicação humana (BAKHTIN, 2016). Dessa forma, os dados não são apenas textos escritos, digitados, verbais, fílmicos, ou imagéticos, eles são representantes de uma necessidade de exteriorização da vontade discursiva (BAKHTIN, 2016) do locutor perante um diálogo social (VOLÓCHINOV, 2017) amplamente acessível por meio de uma rede social (RECUERO, 2014) específica.

Logo, se o entendimento dos dados segue a linha de pensamento acima descrita, utilizar o termo suporte culminaria em uma problemática, pois sua noção está diretamente ligada à noção de gênero textual (MARCUSCHI, 2008), e esta pesquisa segue a noção de gênero discursivo, proposto por Bakhtin (2016), como foi discorrido mais acima. No entanto, Freitas e Barth (2015) chegam a propor uma análise do *Twitter* – mais especificamente do tuíte – que os autores definem como sendo constituído por “características de diversos gêneros como notícia, conversa informal, bilhete, citação etc., que foram modificados para atender às necessidades de comunicação encontradas na rede social” (FREITAS; BARTH, 2015, p. 9). Eles levam em consideração a terminologia “gênero textual-discursivo”, colocando o entendimento bakhtiniano de gênero do discurso ao lado do entendimento de Marcuschi sobre gêneros textuais, a fim de descobrirem se podem considerar o tuíte como um novo gênero, ou se ele seria só um suporte para reprodução de outros gêneros.

Tal dúvida ganha respaldo ao se ter ciência de que Marcuschi (2008) entende suporte como um local de fixação de um gênero. Com isso, já que o TT é uma rede social que possibilita ao seu usuário realizar postagens tão plurais quanto a criatividade individual de cada um, dentro dos limites que a própria rede permitir, pode-se chegar ao entendimento de que ele funciona como um suporte inerte que espera a fixação de algum texto. Além disso, como mostra Costa (2008) em uma análise da pesquisa de Marcuschi: a noção de suporte por ele empregada somente abarca os textos escritos e multimodais, não contemplando os textos orais. E como no *Twitter* é possível encontrar textos fílmicos – e até áudios gravados – que possuem a dimensão sonora da língua, a noção de suporte não se torna suficiente para abarcar a tridimensionalidade da linguagem (DE PAULA; DE OLIVEIRA, 2020) existente no TT.

Nesse ponto, entro em mais uma distinção teórico-metodológica. Esta pesquisa utiliza a noção de gênero segundo Bakhtin (2016), referindo-se ao entendimento de discursos ao lugar de textos. Dessa forma, entendo gêneros como enunciados relativamente estáveis elaborados por uma determinada esfera de utilização da língua, conforme o referido autor. Já Zozzoli (2015, 2016, 2018) apresenta uma noção diferenciada para trabalhar com análises dialógicas: a noção de vetor segundo François (1998). A autora fala que “os gêneros discursivos são intrinsecamente ligados aos vetores de circulação do discurso, a tal ponto que gênero e vetor não têm limites nítidos entre si.” (ZOZZOLI, 2016, p. 115). Ela também defende o entendimento de que essa noção proposta por François é mais abrangente, além de não limitar a noção a espaços físicos e materiais, como fazem as noções de suporte e veículo.

Considerando que o meio dialógico de coleta de dados desta pesquisa é uma rede social, deve-se entender que as noções utilizadas para trabalhar com o *Twitter* devem ser capazes de abarcar todas as suas possibilidades de manifestações discursivas. E é isso que a noção de vetor oferta, como mostra Zozzoli (2016) ao dizer que vetores podem ser objetos, desde os coletivos aos pessoais, como camisetas, bandanas, bandeiras, adesivo, etc., mas também podem ocupar espaços mais diferenciados e mais distantes do conceito de objeto, como por exemplo: emojis, tatuagens e até um beijo⁵. É dessa abrangência que necessito para desenvolver uma análise dialógica que não seja excludente, afinal, a pesquisa pode se estender por caminhos, inicialmente, não imaginados, como é comum às pesquisas qualitativas (LUDKE; ANDRÉ, 2008; CHIZZOTTI, 1995), que é o caso desta monografia.

Apesar de vetor ser um termo abrangente o suficiente para trabalhar com o *Twitter*, vejo a necessidade de, nesta pesquisa em específico, utilizar o termo vetor-gênero, porque, além da análise a ser apresentada no tópico a seguir, os estudos de Freitas e Barth (2015) demonstram que o TT também pode ser visto como um gênero, já que “[...] os textos produzidos no Twitter têm uma composição, um conteúdo temático e um estilo próprios e, dessa maneira, configuram um gênero digital diferenciado [...]” (p. 25). Não digo que gênero e vetor são a mesma coisa. Eles podem não ter limites nítidos

⁵ A autora utiliza o exemplo de uma foto tirada de um beijo lésbico que serviu como vetor de um discurso de resistência perante manifestações homofóbicas.

entre eles (ZOZZOLI, 2016), mas são duas noções distintas e que respondem teórico-metodologicamente de maneiras distintas. Foi devido ao exposto que decidi utilizar ambas as noções em uma mesma referência, pois uma não exclui a existência da outra, elas ocupam lugar a depender da necessidade do pesquisador em seus diferentes níveis analíticos.

2.2. O *Twitter* como vetor-gênero

O *Twitter* não existia na época em que Mikhail Bakhtin teorizou sobre os gêneros do discurso e sobre os fenômenos da língua/linguagem, por isso o teórico russo discorreu sobre o que lhe era acessível e existente, dando mais atenção ao gênero romance, um gênero tipicamente literário, mas que ele também trabalha sob a ótica dos estudos da linguagem. Para este tópico vou apresentar uma análise do vetor *Twitter* como sendo um gênero complexo, baseando-me nos entendimentos de Bakhtin sobre o tema e tendo respaldo teórico em outros pesquisadores do meio digital.

Segundo Bakhtin, não são todos os gêneros do discurso que conseguem refletir a individualidade da língua em sua excelência. Isso ocorre porque existem gêneros que possuem uma forma mais padronizada em sua elaboração, o que limita a variedade da esfera de utilização da língua, fornecendo ao gênero, enunciados menos plurais para a constituição do seu discurso. Dessa forma, voltamos à dupla: gênero primário e gênero secundário, conceitos criados por Bakhtin para um melhor estudo dos gêneros do discurso.

Sabemos que os gêneros primários são chamados de simples, enquanto que os secundários são chamados de complexos. Essa segunda nomenclatura me é mais atrativa para poder fundamentar o que será proposto nesse tópico, porque de fato existe uma complexidade formal no que diz respeito ao vetor *Twitter*. Ele possui variados artifícios e funcionalidades que permitem ao interlocutor conseguir moldar seu discurso dentro dele, de forma a obter certa excelência no processo de execução da sua intenção

discursiva, como a possibilidade de envio de DM⁶, tuítes, comentários, retuítes e descrição da bio⁷.

Os tuítes, comentários e retuítes possuem um padrão textual mais próximo entre eles: possuem um número mais limitado de caracteres, e, geralmente, têm como conteúdo temático comentários sobre a rotina dos usuários, ou sobre situações que acontecem no mundo. Já a DM funciona como espaço propício para a desenvoltura de diálogos diretos entre dois usuários, ou mais. São abertas salas de bate-papo em que seus integrantes podem dialogar entre si, enviar *links* e enviar outras postagens – com o acréscimo, ou não, de comentários. Enquanto que a bio é um espaço destinado no perfil de cada usuário para que esse deixe postada uma descrição sua para os outros internautas que vão visitar o perfil.

Recuero e Zago (2010) discorrem sobre o *Twitter* e discordam da literatura dos estudos digitais quando essa se refere a ele como “microblog” pela sua forma composicional e interativa com o usuário, levando-o a realizar postagens que possuem traços redacionais típicos de um blog. As autoras reconhecem os traços que levam a literatura a utilizar tal terminação, como por exemplo, o conteúdo da pergunta-título (MISCHAUD, 2007, apud. RECUERO; ZAGO, 2010) (ver figura 2), que é a pergunta localizada dentro do retângulo vermelho. Essa pergunta direciona o interlocutor/internauta a redigir um discurso em que ele apresente informações sobre sua rotina, o que acontece no seu dia, e situações que propiciam tuítes com uma temática mais intimista e em tom de compartilhamento de experiências, que é o habitual tom de postagens em *blogs*. Contudo, como o *Twitter* possui um limite de 280 caracteres por tuíte⁸ (o que poderia ser comparado a um parágrafo de até três linhas) surgiu a adição do prefixo “micro” à palavra *blog*, visto que um *blog* não possui esse limite de caracteres e suas postagens costumam ter mais do que um parágrafo.

⁶ Sigla do termo em inglês: “*Direct Mensseger*”, conforme consta na lista de abreviações.

⁷ Abreviação da palavra de língua inglesa “*biography*”, que significa “*biografia*”.

⁸ Na época de publicação do artigo de Recuero e Zago, o limite era de 140 caracteres por postagem, essa atualização para 280 caracteres só ocorreu em novembro de 2017.

Figura 2 - Página inicial do *Twitter*

Fonte: <https://twitter.com/home>

Analisando o Twitter nos seus aspectos interacionais, é possível perceber uma forte característica que o distancia dessa noção de microblog: a possibilidade de realizar marcações por meio do sinal gráfico “@”. Ao se digitar o nome de usuário⁹ de algum internauta precedido desse sinal, o perfil do internauta citado é “linkado”¹⁰ (ver figura 3), sendo possível acessar o perfil dele ao clicar no *link*, e o usuário citado vai receber uma notificação informando que ele foi citado em um tuíte específico, gerando, desse modo, uma possibilidade de diálogo direto entre o usuário que realizou o tuíte e o usuário citado, uma possibilidade que não é existente nos blogs. Dessa forma, “entende-se que as apropriações conferidas pelos usuários à ferramenta fizeram com que esta se aproximasse mais de um mensageiro instantâneo (como MSN, *Google Talk*)¹¹ do que propriamente da figura de um *blog*.” (RECUERO; ZAGO, 2010, p. 70), o que, na visão discursiva bakhtiniana, apenas alimenta as argumentações em favor do entendimento do *Twitter* como sendo um gênero do discurso, porque ele vai possuir características próprias que vão demandar, do interlocutor, mais articulação construtiva no momento de elaborar seu discurso, tendo que se atentar à tríade: conteúdo temático, estilo e

⁹ Nome de usuário é nome que o internauta escolhe para assumir a funcionalidade de seu nome próprio dentro do *Twitter*. Cada nome de usuário necessita ser único, por isso é difícil encontrar nomes próprios e tradicionais nesse papel, sendo mais comuns apelidos, nomes fictícios e até misturas entre letras, números e sinais gráficos.

¹⁰ É um neologismo que se aplica à palavra proveniente da língua inglesa “*Link*” (que significa, em uma tradução literal, ligação, vínculo, elo.), uma função sintática de verbo, expressando a ação de colocar/tornar um link, ou seja, de ligar um espaço virtual a outro por meio do elemento “*linkado*”.

¹¹ Meios de comunicação interpessoal virtual.

construção composicional, que são o que compõe um enunciado relativamente estável e culmina na produção de um gênero do discurso.

Figura 3 - Dado 09-11-21-J¹²



Fonte: <https://twitter.com/molimolinas/status/1456751783599124488>

Como dizem Recuero e Zago (2010) em seu artigo, o TT é um site de rede social, ou seja, claramente diferente de um típico romance, conto, poesia, artigo científico ou jornalístico, que são tipos textuais que estão dentro do entendimento de gênero secundário existente fora da rede. Segundo as autoras, o diferencial de um site de redes sociais é a possibilidade de manter essa rede conectada no ciberespaço permanentemente, de forma a permitir que um grande número de pessoas possa se conectar a ela e por meio dela. São essas conexões que geram interações como a vista na figura 4 em que um interlocutor pode se direcionar a outro/s de maneira direta, como bem se vê dentro dos contextos dialógicos presentes no enredo dos gêneros literários, nas citações dos artigos, nas referências feitas no diálogo cotidiano oral e nos discursos políticos.

A pesquisa desenvolvida pelas autoras coletou 662 tuítes e obteve 903 respostas de um questionário *on-line*. Tal questionário demonstrou que dos internautas que responderam, 53% pensavam que a principal função do *Twitter* era para “saber o que os amigos estão fazendo”, e 45% entendia como um espaço para “conversar com os

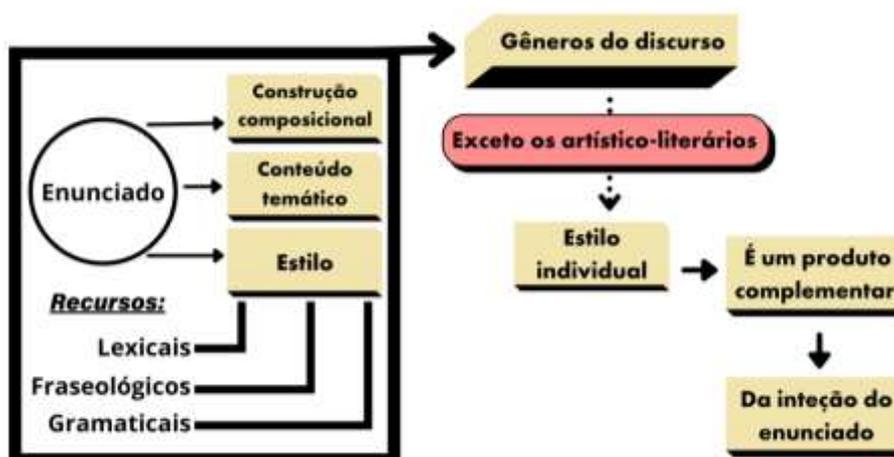
¹² Tradução livre: “Todo o agradecimento à @DonhaTorres e às maravilhosas advogadas @Michimoragas @Mduranleite @SoniaVonLepel do Consultório Jurídico Feminista. É devido a sua resistência que se tem #JusticiaParaAleza y no Paraguai se tem menos impunidad y menos silencio perante o assédio sexual.”

amigos” (RECUERO; ZAGO, 2010). Apesar desta monografia não utilizar uma metodologia quantitativa, esses dados auxiliam no entendimento de dois pontos: (i) Mais da metade dos internautas utiliza a rede social com intuito de se deparar com discursos que tratem do cotidiano dos seus amigos, discursos esses que, geralmente, seguem uma linguagem cotidiana; (ii) Além de esperar por esses discursos que tratam do cotidiano, os internautas interagem com eles ao conversar com seus amigos, ou seja, eles assumem os papéis de eu e de outro do discurso, cada qual a sua vez no processo de construção dialógica. À vista disso, pode-se entender o *Twitter* como um espaço que propicia diversas trocas dialógicas entre diferentes pessoas em diferentes contextos. Assim dizendo, ele é constantemente marcado por estilos individuais expressos por cada interlocutor no ato de construção do todo dos seus enunciados.

Segundo as observações feitas a partir dos resultados da pesquisa de Recuero e Zago (2010), além do processo de análise dos dados desta pesquisa, o TT é um espaço repleto de gêneros primários, pois sua organização formal leva seus usuários a utilizá-lo como vetor de manifestação desses gêneros, sendo comum a publicação de enunciados escritos que não demandam muita articulação construtiva e possuem temática relacionada ao cotidiano, que segundo Bakhtin (2016), são características próprias dos gêneros primários. E como já foi discutido no tópico 2.1 desta base teórica e conceitual, os gêneros do discurso são formados por enunciados relativamente estáveis elaborados dentro de uma determinada esfera de utilização da língua, e cada enunciado é composto pela união indissociável de: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Bakhtin (2016) afirma, ainda, que com exceção aos gêneros artístico-literários, o estilo individual é um produto complementar da intenção do enunciado, não sendo interno a ele. Isso acontece porque existe uma diferença entre o estilo e estilo individual. Naquele, trabalham-se recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais do enunciado que vai ser elaborado, já nesse, trata-se dos aspectos da personalidade individual de cada interlocutor. Por isso o autor diz que o estilo individual é um produto complementar da intenção do enunciado e não da sua composição, como mostra a figura 4.

Figura 4 - O estilo individual como produto complementar do enunciado



Fonte: Elaborada pelo autor

O estilo individual pode se relacionar de diferentes maneiras com a língua comum, mas Bakhtin (2016) adverte que o dilema de saber, na língua, o que é referente ao uso corrente e ao sujeito, é questão do enunciado, afinal, “Em diferentes gêneros podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual [..].” (BAKHTIN, 2016 p.18). Por isso o autor salienta que é necessário ter-se um estudo mais aprofundado dos gêneros discursivos, bem como da natureza do enunciado. Observa-se, portanto, que sempre é necessário voltar à esfera do enunciado para poder realizar alguma análise dialógica, e depois do enunciado se caminha para os gêneros do discurso, porque é a diversidade deles que pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos do estilo individual. E como descrito anteriormente, o *Twitter* é um espaço repleto de gêneros do discurso, o que acarreta em uma revelação tenaz dos estratos e dos aspectos do estilo individual de cada interlocutor/internauta que faça usos dele.

Voltando então ao enunciado, que sabemos, é composto pela tríade estilo, construção composicional e unidades temáticas, atentemo-nos, mais especificamente, para duas unidades composicionais específicas: o tipo de construção e de conclusão de um todo; e o tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (BAKHTIN, 2016). Direcionando esses entendimentos para o *Twitter*, pode-se ver a primeira unidade composicional ganhando forma nas funcionalidades que geram as

possibilidades de postagens que o TT oferece, como a *timeline*¹³, as respostas e os retuítes, porque são nesses espaços que os internautas vão construir seus discursos, passando pela escolha do tipo de construção até chegar na conclusão do todo discursivo. Já na parte relacionada à segunda unidade composicional, é possível vê-la nas formas como os internautas podem interagir entre eles, por exemplo, marcando uns aos outros nos tuítes e comentários, no envio de mensagens diretas, e até pela *bio*, pois, ela serve justamente para que um usuário informe a outro/s usuário/s sobre como ele é.

À vista do exposto até agora, posso afirmar que apesar da rede social aqui analisada apresentar formas mais padronizadas em suas disponibilidades de manifestações discursivas ofertadas a seus usuários, o *Twitter* não limita a variedade de utilização da língua, pelo contrário, ele tem como assuntos centrais temas do cotidiano o que favorece a utilização do estilo individual do usuário, desde a construção e conclusão do seu todo discursivo, até a relação entre o locutor e os outros do discurso, o que alimenta a esfera da comunicação humana, já que ela se desenvolve proporcionalmente à variedade existente de enunciados concretos e relativamente estáveis dentro dela (ver figura 6).

Figura 5 - Esfera da comunicação humana



Fonte: Elaborada pelo autor

¹³ Timeline é uma palavra em língua inglesa que significa “linha do tempo” e que se refere ao espaço principal do *Twitter*, onde ficam expostas as postagens para que o usuário as possa visualizar.

Uma vez que se entende a esfera de comunicação humana (ECH) como sendo um espaço de existência e interação entre enunciados, Bakhtin (2016, p. 18) vai dizer que:

Uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursivas, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Em conclusão, pode-se dizer que o *Twitter* é um gênero do discurso porque tem uma função (cotidiana) e reúne condições específicas para cada esfera da comunicação verbal, que aqui se entende como as possibilidades de manifestações discursivas presentes nele e já listadas anteriormente. Por conseguinte, ele se localiza na definição de gênero secundário, pois “Os gêneros discursivos secundários [...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 15). Nesse caso, o escrito está diretamente relacionado com o termo “digitado”, porque ambos dizem respeito à língua escrita. Além de que, apesar do *Twitter* em si não se tratar de um romance, poesia, ou conto, ele permite que o usuário manifeste nele estes mesmos gêneros, assim como no romance, que por sua natureza, não carrega esse ou aquele gênero em seu enredo de forma predeterminada, sendo isso um quesito que depende apenas do escritor: decidir quais gêneros primários irão compor a totalidade do enredo.

Contudo, apesar de se ter chegado à conclusão de que o *Twitter* é sim um gênero do discurso, vale ressaltar que, para esta pesquisa, considero o *Twitter* um vetor-gênero, ou seja, ele é tanto um ambiente de manifestação discursiva (vetor), como um gênero que possui, em si, características próprias para existência de enunciados relativamente estáveis. Quando Zozzoli (2015) explica o que é um vetor, a autora diz que existe uma sutilidade na linha divisória entre ele e os gêneros, não se pode delimitar dogmaticamente o que é um e o que é outro, ambos são recursos de manifestação discursiva. Ainda que haja diferenciações, na prática, todo gênero do discurso é um vetor, e toda manifestação discursiva constitui – ao menos – um gênero do discurso.

2.3. Enunciados prototípicos e hashtags

Após expressar os entendimentos desta pesquisa sobre vetor e gênero do discurso, atrelando-os ao meio de manifestação discursiva estudado nesta monografia, torna-se necessário discutir sobre o tipo de enunciado a ser analisado no corpo desta pesquisa: os enunciados prototípicos.

ZOZZOLI (2018) define esses enunciados como pertencentes a um fenômeno de disseminação do já-dito e do já-feito com capacidade para serem disseminados em situações de produções de discursos concomitantes e posteriores, possuindo uma conexão com acontecimentos e temas¹⁴ por meio da cadeia do diálogo social (BAKHTIN, 2016). A autora também menciona que eles se tratam de um terreno móvel e híbrido por excelência, sendo possível encontrar neles articulações entre o “[...] linguístico e não linguístico, oralidade e escrita, diferentes gêneros, diferentes suportes [...] e diferentes acontecimentos e temas.” (ZOZZOLI, 2018, p. 122).

Os enunciados prototípicos podem existir em diversos vetores, seja em um cartaz, em um tuíte, em uma camiseta, em uma bandeira, em uma pintura, um grafite, uma tatuagem, etc. São enunciados que funcionam como cartas coringas de um jogo de baralho: podem existir em contextos variados, servindo para intuítos discursivos diversos e logrando efeitos discursivos ainda mais heterogêneos, sempre se tocando e produzindo alusões (AUHTIER-REVUZ, 2007), que serão a chave para um entendimento feliz ou infeliz por parte do outro do discurso.

Zozzoli (2018) definiu o que é um enunciado prototípico e o que é uma articulação (que segundo a autora, é uma alteração sofrida por determinado EP, mudando sua composição). Para exemplificar, ela utilizou o EP *Je Suis Charlie*¹⁵, pondo-o em uma posição de enunciado principal, pois para Bakhtin não existe enunciado original, ou o primeiro enunciado, já que:

¹⁴ Entendo “tema” a partir dos dizeres de Zozzoli (2015), em que ela diz que os temas não pertencem a um domínio específico, mas que caminham de acordo com as oscilações das “[...] tendências sócio-históricas, numa escala global (mundial) ou numa escala nacional ou local [...]” (p. 14).

¹⁵ Em português: Eu sou Charlie (tradução livre).

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com ele, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). (BAKHTIN, 2016, p. 26).

Dessa forma, *Je Suis Charlie* indicaria uma demonstração positiva no que se refere às veiculações dos enunciados prototípicos surgidos após o atentado ao jornal francês Charlie Hebdo, em janeiro de 2015. Contudo, outras versões desse mesmo enunciado podem ser identificadas nas redes sociais, como por exemplo: *je suis Ahmed*¹⁶, *Je suis Flic*¹⁷, *Je suis Franck*¹⁸ (ZOZZOLI, 2015). Observa-se nesses exemplos que existe uma constante: a identificação a alguém. Mantém-se a parte “*Je suis*”, que em português significa “eu sou”, e se adiciona o nome que vai definir a identificação. Como Zozzoli definiu *Je suis Charlie* como enunciado principal na sua pesquisa, os outros passam a ser vistos como variações dele, ou seja, tornam-se articulações.

Partindo das definições tratadas por Zozzoli e trabalhando nos ciclos PIBIC sob sua orientação, cheguei a novos entendimentos das partes composicionais dos enunciados prototípicos, expandindo o arcabouço teórico e desenvolvendo as noções de parte principal e parte secundária. Aplicando aos exemplos acima, caberia à parte principal o *Je suis* e à parte secundária o nome que define a identificação. Por conseguinte, se esses entendimentos fossem aplicados aos EPs trabalhados nesta pesquisa, caberia à parte principal o *JusticiaPara* e à parte secundária o que viesse em seguida. Seria, então, a parte principal a responsável pela manutenção do elemento que gera uma alusão (AUTHIER-REVOUZ, 2007) ao tema no qual se localiza o enunciado prototípico em questão, e a parte secundária a responsável por ofertar ao EP o contexto dentro do tema no qual está localizado.

¹⁶ Em português: Eu sou Ahmed.

¹⁷ Em português: Eu sou um tira (gíria para a palavra “Policial”).

¹⁸ Em português: Eu sou Franck.

Outro entendimento desenvolvido foi o de enunciado-base (ou enunciado de base) (EB). Como já mencionado, dentro da teoria dialógica não cabe o entendimento de que existe um enunciado original ou primário, por isso, não se pode entender o enunciado prototípico X ou Y como o enunciado original, ou o primeiro a ser veiculado. Desse modo, atribuí a ele o termo de enunciado-base, ou, enunciado de base¹⁹. Tal enunciado é escolhido para fins de pesquisa, esta categoria não é fixa, ela muda de acordo com a necessidade do pesquisador, por isso para Zozzoli (2015) foi o *Je Suis Charlie* e para esta pesquisa o entendimento de EB se torna um pouco diferente, devido ao contexto dialógico dos dados em específico²⁰. Contudo, é importante definir qual é o EB para poder definir quais são as articulações, já que quaisquer enunciados podem ser de base ou articulações, suas categorias serão delimitadas pelo pesquisador para que esse possa desenvolver a análise e obter conclusões mais sólidas.

Tal plasticidade no entendimento das noções aqui apresentadas se dá devido ao fato de que trabalhar analisando os fenômenos da língua/linguagem faz com que o pesquisador se depare com diversos acontecimentos um tanto quanto inovadores, principalmente se ele tinha o hábito de recorrer a uma base teórica fundamentada na gramática normativa, pondo-se indiferente às novidades e artimanhas que os usuários da língua fazem dentro de suas manifestações linguísticas. O meio digital pode ser visto como incentivador de tais novidades e artimanhas, pois permitem, e em alguns níveis obrigam, o usuário a reestruturar seu uso da língua para atingir seu intuito discursivo dentro do meio digital do qual se está utilizando.

A linguagem que um indivíduo utiliza é carregada de traços pessoais e de traços adjuntos do meio que ele utiliza para se comunicar, do nível de formalidade que a situação comunicacional exige, e de outros fatores sociolinguísticos a serem considerados na hora de formulação do discurso. Para tanto, esta pesquisa não utiliza teorias sociolinguísticas, mas entende que elas estão intrinsicamente ligadas aos atos discursivos, como Bakhtin mesmo já dizia: “Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (2016, p. 54). Em consonância,

¹⁹ Ambos os termos podem ser abreviados para “EB”.

²⁰ Essas diferenciações serão explicitadas e destrinchadas no tópico seis.

Marx (2013) diz que é o ser social que determina a consciência do homem, e como o indivíduo é parte de um todo social, todo ato discursivo é, por natureza, carregado de traços sociais.

O sinal de *hashtag* (#) é um grande exemplo dessa carga social que os discursos apresentam. Ele surgiu nas redes sociais para servir de “etiquetas de contexto” (RECUERO, 2014) a fim de facilitar a localização, de uma postagem dentro das redes sociais, porque ele cria um *hiperlink*²¹ dentro da postagem permitindo ao sujeito ser redirecionado para outras postagens com o mesmo *hiperlink*, como mostra a figura 6.

Figura 6 - Dado 07-07-21-V²²



4:03 PM · 10 de fev de 2021 · Twitter for iPhone

Fonte: <https://twitter.com/JoseNast/status/1359578651839315968>

²¹ É algum elemento composicional de uma postagem que ao ser clicado redireciona o sujeito a outro lugar dentro da *web*, seja outra postagem, outra página, outro *site*, etc.

²² Tradução: “Até agora, neste ano, já houveram mais de 40 feminicídios... Estava tratando de compartilhar uma notícia de Ursula, pesquisei o #justiciapara”.

Nessa figura, é possível perceber que a pessoa estava escrevendo um tuíte, decidiu utilizar uma *hashtag* e o *Twitter* lhe ofertou possibilidades que seriam semelhantes ao que ela já tinha escrito (*#justiciapara*). Observa-se que o EP está evidenciado em azul, que é cor típica para sinalizar que existe um *link* ativo dentro daquele elemento, dessa forma os sujeitos podem criar, buscar e repercutir contextos de forma a desenvolverem um movimento que transpassa a individualidade. O enunciado deixa de ser de autoria do perfil X ou Y e passa a ser mais um em uma rede de enunciados tecidos pela “consciência socioideológica” (BAKHTIN, 2002) em torno de um dado objeto da enunciação.

Sendo assim, afirmo que os enunciados prototípicos possuem a plena capacidade de exercer funções de referências discursivas, de contexto e de temática, articulando-se para melhor compor os discursos dos interlocutores e expressar neles uma vontade discursiva (BAKHTIN, 2016). Além disso, os EPs dão possibilidade constitutiva aos discursos, já que são terrenos móveis e híbridos por excelência (ZOZZOLI, 2018), ofertando articulações entre o “[...] linguístico e não linguístico, oralidade e escrita, diferentes gêneros, diferentes suportes [...] e diferentes acontecimentos e temas.” (ZOZZOLI, 2018, p. 122). Dessa forma, ao relacionar tais características às funções da *hashtag*, bem como às suas características, é possível concluir que os enunciados prototípicos não são dependentes das HTs para atingirem suas possibilidades discursivas, ambos são independentes, mas dialogam entre si de forma a fazer com que os EPs sejam potencializados pelas *hashtags*, gerando uma relação de troca que somente favorece o diálogo de forma geral.

3. OBJETIVOS

3.1.Gerais

Estudar um enunciado prototípico em um contexto digital, e dialógico, de língua estrangeira espanhola, a fim de analisar a construção de um fenômeno linguístico baseando-se no uso de enunciados prototípicos recorrentes nas postagens encontradas no vetor-gênero *Twitter*.

3.2. Específicos:

1. Identificar quais são os elementos formais, composicionais, e quais as características específicas do enunciado prototípico “*JusticiaPara*”.
2. Entender a organização dialógica desse fenômeno discursivo “*JusticiaPara*” partindo da análise dos enunciados prototípicos presentes nos dados coletados no *Twitter*.
3. Analisar como o enunciado prototípico em estudo, por meio das suas características particulares e das propriedades dialógicas dos seus elementos formais, repercute o diálogo do fenômeno discursivo “*JusticiaPara*”.

4. PERGUNTAS DE PESQUISA

1. Como se constitui o enunciado prototípico “*JusticiaPara*”?
2. De que maneira se organiza o possível fenômeno discursivo “*JusticiaPara*”?
3. Que tipo de repercussões o enunciado prototípico apresenta no diálogo social do possível fenômeno estudado?

5. METODOLOGIA DE PESQUISA

Como é usual das pesquisas em análise dialógica do discurso, esta monografia segue uma metodologia qualitativa, porém de cunho netnográfico. A netnografia não é, como nome leva a pensar, a transposição direta da pesquisa de cunho etnográfico para o meio virtual, o meio *on-line*, o meio da internet. Segundo Ferro (2015), a netnografia é uma metodologia de pesquisa semelhante à de cunho etnográfico, porém, o pesquisador não possui um grupo de estudo, ou uma comunidade cultural, com localização física fixa na qual ele necessita estar imerso e viver integralmente o cotidiano. Além disso, na netnografia o observador tem a vantagem de poder transcrever entrevistas, rever a execução dos dados (no caso de vídeos gravados), e até coletar os dados de maneira virtual, por meio de capturas de tela (*prints*).

A autora defende a necessidade de em um mundo globalizado a etnografia estar aliada à netnografia, porque “É fato que a internet e, por conseguinte, as redes sociais e comunidades virtuais já são uma realidade e crescem, a cada minuto. Nesse contexto, a netnografia torna-se cada vez mais relevante para o estudo da cultura digital.” (FERRO, 2015, p. 4). E como dizem os objetivos desta pesquisa, busco analisar a construção de um possível fenômeno linguístico por meio dos enunciados prototípicos existentes no vetor-gênero *Twitter*, um ambiente naturalmente digital. Desse modo, cabe-me o uso de uma abordagem netnográfica, já que a comunidade linguística estudada não está fixada em uma única localidade, ela é proveniente de diversos lugares do planeta, tendo o *Twitter* como vetor-gênero de manifestação.

Para melhor explicar como se desenvolveu a utilização da abordagem qualitativa de cunho netnográfico, é válido explicitar que durante os ciclos PIBIC 2018/2019 e 2019/2020, já mencionados no tópico 2.3, fiz parte do projeto coordenado por Zozzoli, intitulado “Diálogo social e a interligação de gêneros e enunciados prototípicos no discurso da mídia e do ensino e aprendizagem”, com pesquisas voltadas ao uso de enunciados prototípicos nas mídias digitais. No primeiro ciclo estudei e categorizei os elementos composicionais de um EP, tendo como objeto específico de estudo o “Ele não” e suas articulações (ZOZZOLI, 2018). Já no segundo ciclo busquei identificar de que forma os enunciados prototípicos examinados poderiam ser usados para situações diferentes das quais surgiram, descobrir as variações entre diferentes utilizações dos EPs

em questão, e entender como as diferentes utilizações se interrelacionam com o enunciado e situações precedentes.

Em ambos os ciclos PIBIC utilizei enunciados prototípicos que tinham temática política, porém, possuíam como contexto o sistema político brasileiro. Isso ocorreu porque em 2018 estava acontecendo a corrida presidencial, e Jair Bolsonaro e Fernando Haddad protagonizavam o cenário de candidaturas presidenciais, dando vez à criação de uma disputa discursiva entre os enunciados prototípicos “Ele Não” e “Ele Sim”. Contudo, esse contexto de guerra dialógica não terminou conjuntamente à exibição dos resultados eleitorais, ele se estende até os dias atuais, mesmo que menos evidenciado. Dessa forma, segui desenvolvendo pesquisa dentro dessa temática e desse contexto, o que me levou a observar a existência de diversos discursos e múltiplas vozes localizadas de forma velada em manifestações discursivas, ou seja: cada dado estudado trazia consigo um arcabouço de discursos preconceituosos, de ódio, supematistas, excludentes, etc., que estavam sendo mascarados.

Todo esse trabalho analítico me levou a melhorar minha percepção sócio-política perante os dizeres presentes nas redes sociais, de forma que pude observar quais temáticas eram mais abordadas que outras, como por exemplo: os direitos das mulheres ante uma sociedade machista e patriarcal, as questões étnico-raciais, bem como as pautas da comunidade LGBTQIA+, são “bandeiras” mais levantadas do que a do veganismo, por exemplo. Em consequência, na hora de definir a temática e o contexto a serem estudados neste trabalho de conclusão de curso, levei em consideração o fato de que o título a ser obtido por meio deste é o de licenciado em Letras – Espanhol, portanto, seria pertinente que o contexto da pesquisa fosse localizado dentro de comunidades hispanófonas. A questão agora era definir qual seria a temática trabalhada. Como falei mais acima, algumas pautas sociais são mais comentadas que outras, e uma que sempre esteve em evidência foi a da luta pelos direitos das mulheres e do encerramento de violências cometidas contra elas. Partindo desse entendimento, pesquisei no *Twitter* enunciados prototípicos que eu já tinha visto durante os anos anteriores de pesquisa, e nisso, encontrei o EP “*Justica Para*”²³, um enunciado prototípico que é comum a diversos contextos, pois sua única temática é a busca de

²³ Em tradução livre do espanhol para o português: “JustiçaPara”.

justiça para algo/alguém. Dessa forma, decidi juntar esse EP ao contexto da luta pelo encerramento da violência contra as mulheres, a fim de analisar mais a fundo a construção dialógica de um fenômeno linguístico. Ainda assim, esta escolha não isenta esta pesquisa de apresentar outras ramificações em relação ao EP e suas articulações, isso porque “Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016 p. 60) e, desse modo, não está isento a correlações, como também, pelo fato de que pode haver mais de um enunciado prototípico coexistindo na mesma postagem, o que não necessariamente anula a existência de dois ou mais contextos.

Utilizo o *Twitter* como vetor-gênero de coleta de dados porque, como dito mais acima, trabalho com pesquisas nas redes sociais desde 2018 e como disse Ferro (2015), é fato que a internet e as redes sociais são realidade e crescem exponencialmente dentro do contexto social. Por conseguinte, os estudos da língua/linguagem devem acompanhar tal crescimento, tornando-se capazes de evoluir em conjunto ao diálogo social (VOLÓCHINOV, 2017) existente em um ambiente de comunicação virtual e globalizado. Ademais desse entendimento, o vetor-gênero TT possui *designs* sistemáticos, que facilitam, permitem, limitam e regulamentam as possibilidades discursivas do locutor dentro de sua rede. Essas características sistemáticas específicas do *Twitter* são necessárias para que haja uma padronização dos dados e um referencial de análise mais bem constituído.

Além das justificativas acima apresentadas para a escolha do enunciado prototípico a ser analisado, e do vetor-gênero a ser utilizado, respaldei-me nos dizeres de Zozzoli, quando a autora afirma que:

Assim, será preciso detectar a disseminação do enunciado em vários vetores e gêneros – variações de forma incluídas - e é necessário, ainda, levar em conta o fato de que essas retomadas do enunciado estejam interligadas do ponto de vista discursivo, aí incluindo o aspecto histórico, a um tema/ a temas e a um momento discursivo (termo de MOIRAND, 2007) ou a um acontecimento relâmpago/acontecimentos relâmpagos (ZOZZOLI, 2014, 2016) visíveis e destacáveis por sua importância midiática (com visibilidade e frequência aparentes, em termos qualitativos) num universo discursivo. (2020).

À vista do exposto por Zozzoli (2020), em consonância com Recuero (2014; ZAGO, 2010), Freitas; Barth (2015), e Ferro (2015), concluo que as redes sociais são espaços em que seus usuários possuem uma gama de possibilidades discursivas tão

plural quanto eles, levando à existência de inúmeras variações de gêneros, vetores, temáticas, contextos, etc. Destarte, criei os seguintes critérios para a seleção de dados:

- i. Não fiz uso de postagens que continham *gifs*²⁴ e vídeos, pois não conseguiria transpor o material para esta monografia e manter o efeito desejado pelo autor da postagem, já que a manutenção da dimensão sonora (PAULA; SERNI, 2017) iria se restringir a uma potencialidade mental (DE PAULA; DE OLIVEIRA, 2020), visto que, esta monografia não possui elementos capazes de desenvolver uma dimensão sonora da linguagem, senão de forma valorativa (PAULA; SERNI, 2017).
- ii. Não priorizei números de curtidas, comentários e *retweets*²⁵, porque não é objetivo desta pesquisa analisar a quantidade de interações que os dados tiveram, mas sim entender a construção de um fenômeno linguístico por meio dos enunciados prototípicos ali presentes. Desse modo, não interfere na análise o número de interações, pois não é prioritário às pesquisas qualitativas vislumbrar quantificações.
- iii. Não coletei dados que não estejam em língua espanhola, afinal, como mencionado anteriormente, objetivo a obtenção do grau de licenciado em letras – espanhol, portanto, é pertinente que os dados sejam contextualizados em língua espanhola, para que a pesquisa seja constituída de um *corpus* compatível com o grau que se objetiva.
- iv. Apenas coletei dados que tivessem a temática referente à violência contra a mulher, para manter a temática dentro do argumentado anteriormente.
- v. Desconsidere dados com intuito visível de jocosidade e/ou meme.

Vale informar que todo o processo de coleta foi realizado paulatinamente entre os meses em que a pesquisa foi produzida, e que os dados foram coletados por meio de capturas de telas (*Prints*) – utilizando a ferramenta de captura disposta no *Windows* 10, cujo nome é: “Ferramenta de Captura” – salvos e catalogados de acordo com a data de

²⁴ *Gifs* são textos filmicos que não possuem som e que recomeçam automaticamente ao terminar, gerando um efeito de *looping*.

²⁵ Termo específico da rede social *Twitter*, significa “compartilhamento”, ou seja, seria o ato de “*re-twitter*” uma postagem. Mais explicação adiante.

coleta. De início não planejei elaborar categorias nas quais inserir os dados, posto que, como dizem Ludke; André (2008) e Chizzotti (1995), uma pesquisa qualitativa não objetiva a comprovação de hipóteses previamente estabelecidas, o foco da pesquisa é delineado à medida em que se exploram os contextos nos quais se realiza a investigação.

Ressalto que tive como base teórica direcionadora os escritos bakhtinianos e demais estudos da teoria dialógica do discurso. Contudo, a aplicação de um ambiente virtual de análise provocou a necessidade de recorrer, também, a estudos da área da comunicação virtual, da tecnologia, da publicidade e propaganda, etc. Essa junção de conhecimentos é incentivada pela Linguística Aplicada, pois a pesquisa nessa área deve ser indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), dando margem para que diversos saberes se interliguem e construam novos. Sendo assim, posso afirmar que o processo de análise dos dados se constitui de uma integralização de recursos teóricos distintos, mas que se articulam a fim de alcançar uma maior compreensão do fenômeno linguístico estudado.

Diante do exposto, como já foi justificado, não utilizei dados que apresentassem vídeos, *gifs*, e quaisquer outros textos fílmicos, pois não haveria como transpô-los em sua totalidade enunciativa para este trabalho, causando perda de efeito discursivo, inviabilizando sua utilização. Essa decisão tem como consequência a ausência da dimensão vocal entendida como manifestação sonora de atos de fala e/ou efeitos sonoros, como músicas, vinhetas, onomatopeias etc. Contudo, essa dimensão permanece em forma de potencialidade mental, já que, “Mesmo quando não há a materialização explícita de uma das dimensões, ela se encontra ‘virtualmente’ presente, como potencialidade mental.” (DE PAULA; DE OLIVEIRA, 2020, p. 5), ou seja, o som produzido pela mente humana no processo de reconhecimento e interpretação de um discurso. Embora os estudos baseados no círculo de Bakhtin utilizem de maneira predominante o verbal, existe, com certa constância, o emprego de terminologias que:

“[...] se referem, metaforicamente, ao vocal/sonoro e ao visual, de maneira a ser comum nos depararmos com termos como material sígnico, signo, produto de criação ideológica junto com tom, tonalidade, ritmo, entonação, polifonia, entre outros, entendidos como constitutivos da linguagem.” (PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R., 2020, p. 110).

Sendo assim, e seguindo os entendimentos de Bakhtin (2016) sobre como funciona o processo de formulação do discurso, o primeiro ponto da análise foi entender

a necessidade de prestar atenção à construção composicional dos discursos, já que os locutores, provavelmente, teriam desenvolvido meios de suprir a falta da dimensão sonora em seus atos discursivos. Esses meios são de demasiada importância para o entendimento da vontade discursiva do locutor, porque evidenciam pontos muito importantes para uma análise discursiva, como por exemplo, o tom, o uso de figuras de linguagem (sarcasmo, ironia, etc.), e até as expressões faciais.

Tais possibilidades de identificação são possíveis, no *Twitter*, devido ao uso de recursos como: letras maiúsculas, *emojis*, quantidade inusual de sinais gráficos (exclamação, interrogação, reticências, cerquilha (jogo da velha #), arroba, asteriscos, etc.). Desse modo, vi a necessidade de entender os dados como textos multimodais (LEMKE, 2010; NETO, 2017; VIAN JR; ROJO 2020), ou seja, textos compostos de duas ou mais modalidades de escrita que se completam, ou se integram, para formar um todo discursivo. E por mais que seja comum aos estudos da Linguística Textual entender um texto multimodal como um todo textual que é composto por um texto verbal e um imagético, ou um texto verbal e um hipertexto (LEMKE, 2010), ou outras junções de modos, tipologias e gêneros textuais, neste trabalho entendo que um texto multimodal não gera apenas um todo textual, mas também um todo discursivo em que o locutor se utiliza disso para que sua vontade discursiva seja contemplada em sua máxima totalidade.

Em síntese, posso afirmar que, para analisar os dados, recorro a uma articulação entre os entendimentos acima descritos e o conceito de netnografia. Isso ocorre porque os estudos netnográficos são pertencentes a uma esfera do saber científico que visa estudar traços socioculturais de grupos e pessoas no ciberespaço (FERRO, 2015). Para tal ato me valho de discursos existentes no *Twitter*, entendendo-os como multimodais e pertencentes a uma ampla esfera da comunicação humana (termos de BAKHTIN, 2016), de forma a constituir um corpus de análise sócio-virtual que se interliga por meio de uma cadeia dialógica complexa, plástica e dinâmica dada as possibilidades a ela disponíveis.

6. O ENUNCIADO PROTOTÍPICO “JUSTICIAPARA”

Como vem sendo discutido ao longo desta monografia, as possibilidades de manifestações discursivas que os interlocutores dispõem na atualidade são de particularidades um tanto quanto inovadoras, principalmente no que se refere ao entendimento de diálogo virtual. Hoje é possível visualizar a cadeia do diálogo social (BAKHTIN, 2002) muito mais claramente, porque ela se assemelha ao entendimento de rede abordado nas pesquisas sobre comunicação virtual (COGO; BRIGNOL, 2011; RECUERO, 2014; SOUSA, 2015), em que as pessoas estão conectadas tão intrinsecamente que se for estabelecida uma linha imaginária para relacionar todas essas conexões, cria-se uma rede com fluxos e movimentações que vai refletir a complexidade social estruturada e fomentada por um processo de globalização cada vez mais crescente.

Sendo assim, a prática da comunicação torna-se, proporcionalmente, mais ampla e complexa. Não se fala apenas de diálogo e interações verbais descontextualizadas e puramente linguísticas, fala-se de um processo vivo de comunicação, expressão e interação social. Os interlocutores são agentes ativos do processo constitutivo do diálogo social. São eles que realizam as interações, contextualizações e repercussões que dão corpo e complexidade a uma esfera cada vez mais ampla e maleável: a esfera da comunicação humana (BAKHTIN, 2016). Tais feitos são potencializados pela facilidade interacional que as redes sociais proporcionam aos seus usuários por serem “[...] locais técnicos onde se dão as interações [...]” (SOUSA, 2015, p. 200), e por representarem “[...] um novo e complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos [...]” (RECUERO, 2014, p. 61). Desse modo, é plenamente possível entender as redes sociais e o ciberespaço como fomentadores de interações dialógicas entre os diversos interlocutores existentes no planeta terra.

Quando falo de interlocutores, não me refiro somente a pessoas individuais, porque dentro do universo das redes sociais existe a possibilidade de nos depararmos com perfis individuais, mas que representam uma organização, uma empresa, ou simplesmente são uma página virtual criada por uma ou mais pessoas com o intuito de interagir e alimentar o ambiente virtual. Tais realidades são abordadas por Freitas e Barth (2015) quando os autores dizem que:

Foram selecionados quatro usuários, @silviorogério, @UniversidadeUPF; @pontofrio e @dilmabr que são, respectivamente, um usuário comum, um perfil institucional, um usuário representante de uma marca que se preocupa com a venda e marketing de produtos e um perfil de humor. (p. 16).

Entende-se por usuário comum perfis que são criados e gerenciados por pessoas individuais e que servem como meio delas se comunicarem, o que difere de um perfil institucional, de marca ou de humor, que não necessariamente foram criados por uma só pessoa – mesmo quando são gerenciados por uma única pessoa – que representa o perfil da instituição, da marca ou de humor. Ademais, esses perfis servem para se comunicar com os outros assumindo uma identidade que represente a marca, instituição ou objetivo da página. A personalidade marcada nos discursos desses quatro tipos de perfis vai resultar diferenciada de um para o outro. O estilo individual (BAKHTIN, 2016) de cada um vai ser extremamente importante na hora do outro do discurso realizar o entendimento da intenção discursiva existente entre os discursos X ou Y.

Cada tipo de perfil vai recorrer a estratégias diferentes para existir dentro do ambiente comunicacional que é o *Twitter*. Enquanto os perfis de marcas e instituições vão buscar se promover para atingir altos números de visualizações, interações e repercussões em suas postagens, valendo-se de estratégias de marketing, os perfis comuns, não necessariamente, vão seguir o mesmo caminho, ainda que haja um objetivo claro a se atingir, seja muitas visualizações e/ou *likes*. Essa diferenciação de utilização da rede social faz com que também haja uma variação na forma de uso das possibilidades de manifestações discursivas ofertadas pelo *Twitter*, bem como, dos diversos recursos ofertados pela língua. Foi dito no tópico 2.3 da fundamentação teórica que *hashtags* são etiquetas que servem para criar e repercutir diferentes contextos (RECUERO, 2014), e que os enunciados prototípicos se valem dessa característica para serem potencializados dentro do diálogo social. Contudo, a maneira como esses contextos vão ser criados e/ou repercutidos varia do intuito discursivo do usuário e do seu estilo individual, pois um perfil de marca, geralmente, não assume a mesma postura discursiva que um perfil de humor ou de um usuário comum, como exemplificam as figuras sete e oito.

Ambos os perfis utilizam o enunciado prototípico “JusticiaParaPolly”, contudo, a forma como ele está disposto dentro do corpo do tuíte diz muito sobre o estilo individual de cada perfil, bem como sua intenção discursiva. A figura sete diz respeito a

um tuíte feito pelo canal de televisão 6 da cidade de Ixtapaluca, no México, que, por ser um perfil que representa uma empresa de jornalismo, tende a possuir um estilo mais formal de comunicação, atrelado a um discurso jornalístico, por isso, utiliza o EP no início do tuíte e o separa pelo sinal gráfico: “|”. Isso indica que o objetivo do enunciado prototípico, nesse caso, é claramente o de etiqueta de contexto, porque ele não faz parte do corpo principal do texto, está ali para localizar o tuíte dentro do contexto discursivo de busca de justiça para Polly e permitir sua busca e repercussão por meio do uso da *hashtag* conjugada ao EP em questão.

Figura 7 - Dado 02-08-21-O²⁶



Fonte: <https://twitter.com/canal6tv/status/1412244340479561731>

²⁶ Tradução livre: “#Justiça Para Polly | Entre lágrimas e pedido de justiça, Maria Fernanda ‘Polly’ Olivares recebeu as despedidas de familiares e amigos no Panteão Civil de Dolores, no município Miguel Hidalgo.”.

Figura 8 – Dado 02-08-21-J²⁷

Fonte : https://twitter.com/Call_ItOff/status/1414343678324260868

Já na figura oito o tuíte é referente a um usuário comum, o que não exige o mesmo nível de formalidade que o tuíte da figura sete, por isso o EP “JusticaParaPolly” está localizado ao final do corpo textual, integrando-o ao mesmo tempo que etiqueta contexto, dando ao enunciado prototípico a cor azul típica dos enunciados que são um *hiperlink*²⁸. Nesse dado em específico podemos encontrar, além do “JusticaParaPolly”, uma articulação (#JusticiaParaDianaPatricia) e outro enunciado prototípico, localizado em outro tema e contexto (#HastaQueSeaUnaSuya). Esses três EPs ofertam ao tuíte a possibilidade de ser localizado e repercutido em três contextos discursivos distintos, uma margem que talvez não seja bem-vista em uma manifestação discursiva de um perfil jornalístico (como é o caso do tuíte da figura sete), já que se espera dele um discurso de aparência mais objetiva, como é natural ao gênero (BAKHTIN, 2016) jornalístico.

Tais estratégias utilizadas pelos dois perfis acima foram pensadas a fim de alcançar uma excelência na execução da intenção discursiva de cada um, e por mais que possuam diferenças composicionais e intencionais, ambos os discursos falam do mesmo tema e do mesmo contexto: a busca de justiça pelo feminicídio de Polly. Dessa forma, mesmo que os tuítes não interajam entre si explicitamente, eles estão relacionados dentro do diálogo social, porque essa é uma das características que os enunciados

²⁷ Tradução livre: “Na passeata de hoje, as pessoas que estavam na Plancha del Zócalo demonstraram o porquê do México seguir no buraco #AtéQueSejaUmaSua #JustiçaParaPolly #JustiçaParaDianaPatricia”

²⁸ Ver tópico 2.3 da fundamentação teórica.

prototípicos causam aos discursos: eles permitem ao outro do discurso reconhecer em discurso X ou Y elementos que vão localizá-lo dentro de uma esfera muito ampla de comunicação, tecida por diversos fios dialógicos vivos (BAKHTIN, 2016) que se tocam a todo o momento, proporcionando interações dialógicas geradas por alusões (AUTHIER-REVUZ, 2007) e pelo reconhecimento do discurso outro (AUTHIER-REVUZ, 2021), ambos acessados por meio da memória interdiscursiva midiática (MOIRAND, 2007 apud. ZOZZOLI, 2018) presente no processo natural da comunicação humana.

Apesar de diversos elementos composicionais de um discurso possuírem a capacidade de desencadear o processo dialógico acima descrito, nesta pesquisa o foco recai sobre os enunciados prototípicos. Eles têm aptidão para em sua própria composição formal abarcar todos os passos acima descritos, tudo por meio dos elementos estruturais que foram mencionados no tópico 2.3 da fundamentação teórica: parte primária, parte secundária, enunciado-base e articulação. São esses quatro elementos que permitem aos EPs viabilizar, por meio dos discursos, situações sociais diversas.

Como foi explicitado na fundamentação teórica, quando nos referimos a quaisquer enunciados prototípicos, podemos dividi-los em duas partes: primária e secundária. É a parte primária que é responsável por carregar o tema a ser tratado pelo EP, por isso que ela é a principal, porque se não a tivéssemos a identificação do tema caberia puramente ao contexto discursivo. Já a parte secundária é a responsável pelo contexto em que o enunciado vai estar localizado. Contudo, existe uma característica própria pertencente aos enunciados prototípicos do tipo do “*JusticiaPara*”, que propicia seu traspasseamento por entre diferentes contextos de forma mais abundante que outros enunciados prototípicos. Isso ocorre porque sua constituição formal apresenta um tema fixo – que no caso do EP em estudo é a busca de justiça para algo/alguém – mudando seu contexto de acordo com sua parte secundária, ou seja, o enunciado prototípico em questão depende das suas articulações para construir contexto e, conseqüentemente, é por natureza totalmente adaptável a quaisquer situações que estejam englobadas por seu tema. Por isso que neste caso o enunciado-base e a parte mutável são iguais a nível gráfico. Ainda que exerçam funções diferentes em nível de análise, no todo do enunciado, eles dizem respeito à mesma parte.

Para melhor exemplificar o descrito no parágrafo acima, observemos a figura a seguir.

Figura 9 - Dado 07-07-21-D²⁹



Fonte: https://twitter.com/KEI_PAU/status/1404828201436782594

Na figura nove a internauta/interlocutora diz que sempre adicionam um nome depois da *hashtag* #JusticiaPara, e sempre pelo mesmo motivo: a busca de justiça perante violências contra as mulheres. Mesmo sem utilizar os termos teóricos que trago para essa pesquisa, a internauta/interlocutora compreende o funcionamento do enunciado prototípico. Ela entende que existem duas partes, uma que vai indicar que se busca justiça, e a outra que vai dizer quem foi que sofreu o crime pelo qual se busca justiça. É nessa diferença que acontece o caráter lúdico da alusão (AUTHIER-REVUZ, 2007), o interlocutor reconheceu o discurso por detrás do EP e o que era “oculto” se torna evidenciado. Ou seja, a interlocutora em questão compreendeu o que acontece quando a parte primária e secundária são estruturadas a fim de expressar sua intenção discursiva, e identificou as formas de como fazer isso. Agora, ela aposta que o outro do discurso também vai atingir os mesmos logros, e esse, por sua vez, dará continuidade à sequência de reconhecimento e aposta do discurso.

Essa relação de reconhecimento e aposta gera um círculo repetitivo em que o locutor aposta que outro do discurso vai ter para com ele uma responsividade ativa

²⁹ Tradução livre: “Bettriz, Brenda, Polly, Yuridiana... Todos os dias se adiciona mais um nome à hashtag #justiciapara e as coisas seguem iguais. Porque não acontece nada e porque a nós mulheres nos matam porque os assassinos sabem que ficarão impunes.”.

(BAKHTIN, 2016) em forma de reconhecimento, e o outro, ao assumir o papel de locutor, dá prosseguimento ao círculo. Dessa forma, gera-se uma rede que conecta os sujeitos perante a compreensão e reprodução do discurso outro (AUTHIER-REVUZ, 2021). Rede essa que, como já foi pontuado, Zozzoli (2018) vai chamar de convivência compartilhada, afirmando que os coenunciadores “[...] são apoiados uns pelos outros através de retomadas diversas do enunciado, desfrutando, assim, do prazer da convivência³⁰.” (Zozzoli, 2018, p. 129). Deste modo, os interlocutores assumem função de coenunciadores, todos eles passam a reproduzir o enunciado prototípico, que por sua vez, não é desse ou daquele sujeito, ele habita a esfera da comunicação humana, os sujeitos que ao acessá-la se valem do enunciado, mas não têm autoria sobre ele, eles apenas o coenunciam cada um a sua vez em seu próprio discurso.

Quando aplicamos esse entendimento dialógico ao vetor-gênero no qual os discursos estão existindo (o *Twitter*), podemos perceber – inclusive pelo que já foi descrito dele nesta monografia - que o TT potencializa essa convivência compartilhada ao ofertar mecanismos de interação entre seus usuários, expandindo as possibilidades de uma alusão (AUTHIER-REVUZ, 2007) e de uma metadiscursividade, ou seja, de uma representação de um discurso dentro de outro discurso, o que Authier-Revuz (2021) chama de RDO³¹. Um exemplo disso é a possibilidade que o internauta/interlocutor tem de retuitar um tuíte de outro internauta/interlocutor, ou seja, de compartilhar o discurso-outro adicionando, ou não, algum discurso próprio, como mostra a figura dez.

Nesse caso o internauta @RocioPereira fez um tuíte comentando a decisão judicial do julgamento do padre Silvestre Olmedo, acusado de molestar sexualmente uma garota chamada Alexa. Já a internauta @conceyacente utilizou do mecanismo de retuíte para compartilhar o discurso de @RocioPereira, comentando-o. Em ambos os discursos é possível identificar a existência do enunciado prototípico “#JusticaParaAlexa”, mostrando que o enunciado não é de autoria de um ou de outro, mas que ambos o coenunciam e por ele desfrutam de uma convivência compartilhada.

³⁰ “Prazer da convivência” é um termo de Authier-Revuz (2007) utilizado por Zozzoli (2018) para construir o entendimento de convivência compartilhada.

³¹ RDO significa “Representação do Discurso Outro”. É um termo utilizado por Authier-Revuz para designar “[...] o campo comumente conhecido como ‘discurso citado’.” (AUTHIER-REVUZ, 2021, p. 107). A sigla original em francês é RDA.

Figura 10 – Dado 09-11-21-B³²

Fonte: <https://twitter.com/conceyacente/status/1456684021774274565>

Como o *Twitter* é uma rede social internacional, ou seja, as pessoas de diversos países conseguem interagir entre si apesar da distância, essa convivência compartilhada ganha proporções ainda maiores, ultrapassando barreiras geográficas, culturais e linguísticas. O uso de um enunciado prototípico não é restrito a nenhum grupo social, ele é acessível a todo aquele que acessar a esfera da comunicação humana e dele se valer. Por esse motivo o EP “*JusticiaPara*” já transpassou as barreiras físicas, verbais, culturais e geográficas, as pessoas de diversas partes do mundo reconhecem a aposta discursiva feita por locutores de outros lugares, e alimentam o círculo repetitivo que foi mencionado ao início desse tópico. A língua utilizada para isso é variada, porque existe a possibilidade de traduzir o EP para quaisquer línguas que se desejar, como também de utilizá-lo em uma língua que não seja a materna do locutor em questão. Isso acontece por dois motivos: (i) O *Twitter* oferta a possibilidade de tradução em cada tuíte,

³² Tradução livre da parte de fora do retângulo: “Nojo #JusticiaPorAlexia”.

Tradução livre da parte de dentro do retângulo: “Condenação de um ano (com suspensão) de cadeia para o sacerdote Silvestre Olmedo. O tribunal considera que houve uma relação de sujeição, que o religioso molestou sexualmente a jovem que o denunciou e entendem que seu castigo deve ser EXEMPLIFICADOR. #JusticiaParaAlexia”.

tornando acessível ao interlocutor, diversos discursos a ele estrangeiros³³. (ii) O interlocutor pode ter conhecimento linguístico para entender e se comunicar em outro idioma, bem como conhecer apenas aquele enunciado devido à familiarização com o tema e/contexto.

São essas possibilidades que fazem do enunciado prototípico “#JusticiaPara” um fenômeno linguístico internacional, como mostra a figura 11.

Figura 11 – Dado 09-11-21-X³⁴



Fonte: <https://twitter.com/MoninCarrizo/status/1456620595165241347>

Nessa figura é possível ver mulheres de diversos países da América-latina se reunindo para se manifestarem pedindo justiça para Alexia. O contexto desse enunciado

³³ Entende-se por discursos estrangeiros apenas aqueles que estão em uma língua que não é conhecida ao interlocutor. Por exemplo: Um brasileiro que tem conhecimento de língua inglesa, espanhola e francesa, não as tem como estrangeiras, contudo, a ele a língua alemã ou italiana resultam estrangeiras, porque ele não possui conhecimento acerca desses idiomas.

³⁴ Tradução livre: “#JusticiaParaAlexa Sororidade internacional porque #JuntasSomosUmaMontanha Incidência Feminista, Mulheres da América-latina: Paraguai, Uruguai, Argentina, Brasil, México, Bolívia, Chile e Colômbia decidimos #ChegaDeAbuso @PUFeminista @DonhaTorres @PontiFex_es @Estelaruizdias”.

prototípico é o mesmo do da figura dez, porém ele está mostrando manifestações discursivas de diversas pessoas de diferentes países, por meio do vetor-gênero *Twitter*, evidenciando que mesmo sem o uso da rede social as pessoas seguem usufruindo a convivência compartilhada que o enunciado prototípico em questão lhes oferta. Mostrando que as características e efeitos de um EP não são exclusivos do meio virtual, eles ocupam o espaço que lhe for ofertado, claro que sempre se adequando às particularidades de cada ambiente de propagação discursiva escolhido pelo interlocutor.

Sendo assim, podemos desenvolver o entendimento de que as barreiras comunicacionais são tão plásticas e maleáveis quanto a própria esfera da comunicação humana, como já observou Bakhtin (2016), culminando na criação de uma rede interacional complexa envolve as relações interpessoais e interdiscursivas.

No que concerne às relações interpessoais, Recuero e Soares (2013, p. 242) dizem que os sites de rede social, como é o caso do *Twitter*, “[...] tiveram um impacto profundo no cotidiano das pessoas, alterando a forma como se relacionam, constroem e percebem valores e mesmo como constroem significados e sentidos.”. É partindo desse entendimento que as autoras discorrem sobre os dizeres de Danah Boyd – uma socióloga estadunidense conhecida por seus trabalhos sobre mídias sociais – quando a autora reflete acerca das mudanças na forma das pessoas se relacionarem, explicando que tais modificações culminaram na criação de um novo tipo de público, que Boyd vai chamar de “Público em rede”³⁵ (BOYD, 2010 apud. RECUERO; SOARES, 2013). Segundo a autora estadunidense, esse público possui as seguintes características do meio digital:

a) persistência, ou seja, as informações que são publicadas permanecem online; (SIC) b) replicabilidade, as informações publicadas são facilmente replicáveis (e de forma idêntica ao original); c) escalabilidade, a difusão de informações pode ser escalada dentro das redes, construindo visibilidade; e d) “buscabilidade”, que é a capacidade dessas informações serem buscáveis nesses espaços. (RECUERO; SOARES, 2013 p. 242).

³⁵ Tradução feita por Recuero e Soares (2013).

Tais mudanças apontadas por Boyd refletem uma sociedade em que as informações circulam de maneira distinta, gerando, segundo a autora, uma nova dinâmica de contextos interacionais, de modo que a informação, uma vez posta em rede, torna-se permanentemente replicável, buscável e possui sua visibilidade escalada. Diante do exposto, Recuero e Soares (2013, p. 242) afirmam que “Essa nova dinâmica altera o espaço onde o discurso é publicado, reproduzido e significado.”, ou seja, as mudanças sociais não acontecem apenas na forma como as informações circulam, nem no espaço em que circulam, são mudanças que vão além e englobam o todo discursivo existente na prática social. É devido a essas transformações que podemos visualizar o processo evolutivo da língua/linguagem e a plasticidade da esfera da comunicação humana, sempre adaptável perante as realidades dialógicas existentes.

Segundo Boyd (2010 apud. RECUERO; SOARES, 2013, p. 242), dentro dessa nova dinâmica apontada pelas autoras brasileiras, o que proporciona as alterações no espaço discursivo são:

a) a presença de audiências invisíveis, ou seja, o fato de que o discurso não está restrito a audiência percebida do mesmo, mas é reproduzido e repassado na rede; b) colapso dos contextos, que se refere ao fato de que o discurso não tem necessariamente um contexto dividido pelos participantes do processo, e, muitas vezes, é difícil de compreender pela ausência do contexto; c) borramento das fronteiras entre público e privado, que se refere ao fato de que não há fronteira entre os discursos expostos às várias redes sociais, justamente porque essas redes estão mais interconectadas nesses sites.

Podemos visualizar no fenômeno linguístico “*JusticiaPara*” a presença de todos esses três elementos. A audiência invisível seria o público existente no vetor-gênero *Twitter*, uma vez que os internautas nem sempre são visíveis uns aos outros, e o interlocutor tem ciência disso, por isso ele produz e repassa seus discursos na rede consciente de que estes discursos vão ter a persistência de ficar sempre disponíveis para que o outro do discurso tenha uma responsividade ativa (BAKHTIN, 2016), seja em forma de replicabilidade, escalabilidade, buscabilidade, ou outras formas de interação, como os comentários realizados nas postagens. Já o colapso dos contextos se dá quando existem falhas no ciclo repetitivo do processo de alusão (AUTHIER-REVUZ, 2007), porque um internauta não foi capaz de identificar os temas e contextos discursivos

existentes dentro de um discurso em especial. Havendo um processo feliz de alusão, não existe colapso de contextos. Contudo, devido ao borramento das fronteiras, a internacionalidade do diálogo social está mais viva do que nunca, aproximando interlocutores de diferentes nações e culturas, culminando em uma troca dialógica cada vez maior entre eles, o que tanto facilita a convivência compartilhada (AUTHIER-REVUZ, 2007 *apud.* ZOZZOLI, 2018), como o colapso de contextos.

Situando o que foi abordado nos parágrafos anteriores, no contexto sócio-político em que o fenômeno linguístico “*JusticiaPara*” se encontra, é possível perceber que a internacionalidade, fomentada pelo borramento das fronteiras no espaço digital, é a chave que proporciona o alcance global do enunciado prototípico “*JusticiaPara*”. Desse modo se potencializa a criação de convivências compartilhadas entres diversos interlocutores ao redor do mundo, que dialogam com audiências invisíveis apostando que seus discursos vão ter um estado permanente no ambiente *on-line*, de forma a serem repercutidos, escalados e buscados. Para isso, os interlocutores se valem das características formais dos enunciados prototípicos e do uso das *hashtags*, de forma a criar um ciclo repetitivo de alusões à temas e contextos passíveis de busca e repercussão graças às suas etiquetas de contexto (RECUERO, 2014) presentes no vetor-gênero *Twitter*.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com enunciados prototípicos dentro do vetor-gênero *Twitter* foi uma escolha feita devido ao meu histórico de pesquisa com redes sociais e discursos midiáticos. Apesar da complexidade dos contextos sociodiscursivos referentes ao enunciado prototípico “*JusticiaPara*”, o uso do *Twitter* facilitou a busca de dados e gerou uma maior compreensibilidade no que se refere às relações interdiscursivas provenientes do diálogo virtual, ofertando-me uma suspeita: O uso do enunciado prototípico “*JusticiaPara*” possui tantas retomadas, é tão articulável e está tão pluralmente contextualizado em diversas situações de manifestações sociopolíticas, que ele deve funcionar como um fenômeno discursivo. Devido a isso elaborei três perguntas de pesquisa que me ajudariam a entender se minhas suspeitas eram verídicas ou não. As três perguntas foram:

1. Como se constitui o enunciado prototípico “*JusticiaPara*”?
2. De que maneira se organiza o fenômeno discursivo “*JusticiaPara*”?
3. Que tipo de repercussões o enunciado prototípico apresenta no diálogo social do fenômeno discursivo estudado?

Em resposta à primeira pergunta, pude perceber que o enunciado prototípico em questão é composto unicamente de uma parte principal fixa, ou seja, ele apenas indica a mesma temática a ser abordada sempre: a busca de justiça por algo/alguém, destinando unicamente às articulações (ZOZZOLI, 2018) o entendimento do contexto discursivo por meio da parte secundária. Dessa forma, podemos entender que o tema e o contexto são noções diferentes, mas que dialogam entre si a fim compor o todo discursivo do enunciado prototípico “*JusticiaPara*”.

Dando continuidade, constatei que, de fato, existe um processo dialógico otimizado pelo vetor-gênero *Twitter*: a convivência compartilhada (AUTHIER-REVUZ, 2007 *apud.* ZOZZOLI, 2018), que, ao se unir às funcionalidades discursivas dos enunciados prototípicos, geram um fenômeno de escala mundial. Não é que o enunciado prototípico “*JusticiaPara*” dê nome a um fenômeno, ou que seja ele próprio um. O que acontece é que os interlocutores assumem o papel de coenunciadores ao acessarem a esfera da comunicação humana (BAKHTIN, 2016) e se valerem do EP em questão para compor seus discursos. Dessa forma, entramos na resposta referente à pergunta três, porque existe uma convivência compartilhada em que os diversos locutores se apoiam

por meio do processo de alusão (AUTHIER-REVUZ, 2007) e RDO (AUTHIER-REVUZ, 2021). Sendo assim, dentro do diálogo social (BAKHTIN, 1998), a repercussão causada pelo uso do EP “*Justica Para*”, seria a criação de um círculo repetitivo que leva o locutor a se valer do EP apostando que o outro do discurso vá reconhecer o tema e contexto existentes nele, e o outro, ao ser feliz (ou não) no processo de reconhecimento, toma o lugar de locutor e novamente aposta que o seu outro do discurso vá ter para com ele uma responsividade ativa em forma de reconhecimento do “oculto”, ativando assim o caráter lúdico da alusão.

À vista do exposto até agora nesta monografia, entendo que o *Twitter* é um vetor-gênero que otimiza as particularidades dialógicas existentes no processo de comunicação, ofertando ferramentas, possibilidades e meios próprios de interação social. Consequentemente, ele se torna um ambiente ideal para impulsionar e alimentar realidades comunicacionais como a trabalhada nesta pesquisa. Contudo, é necessário seguir estudando os fenômenos da língua/linguagem no ambiente virtual, porque os resultados expressos por esta monografia dizem respeito a uma realidade discursiva específica, de forma que não exclui a possibilidade de se realizar outras pesquisas referentes às práticas dialógicas, ou até mesmo a outros enunciados prototípicos.

8. REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 107–119, 2021. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/5252>. Acesso em: 2 maio. 2022.

AUTHIER-REVUZ, J. Nos riscos da alusão. Traduzido por Ana Vaz e Dóris Cunha. **Investigações – Linguística e Teoria Literária**, v. 20, n.2, p. 9-46, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance**. 5. ed. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 2002. 210 p. Disponível em: https://issuu.com/fernandalima4/docs/bakhtin__m._-_quest__es_de_literatu. Acesso em: 22 nov. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Bezerra, Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

COGO, D.; DUTRA BRIGNOL, L. **Redes sociais e os estudos de recepção na internet**. MATRIZES, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 75-92, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v4i2p75-92. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38293>.

CHIZZOTTI. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo, Cortez, 1995

COSTA, Iara Bemquerer. CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE GÊNEROS TEXTUAIS E SUPORTE. **REVISTA LETRAS**, Curitiba, ed. 75/76, p. 183-196, MAIO/DEZ. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/wp/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

DE PAULA, L.; DE OLIVEIRA, N. R. Minions nas telas e bolsominions na vida: uma análise bakhtiniana. **Letrônica**, v. 13, n. 2, p. e36198, 24 mar. 2020.

FERRO, Ana Paula Rodrigues. A NETNOGRAFIA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA: UM RECURSO POSSÍVEL. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, São Paulo, ano 5, ed. 19, p. 1-5, Agosto 2015. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509161801.pdf. Acesso em: 11 mar. 2022.

FRANÇOIS, Frédéric. *Le discours et ses entours : essai sur l'interprétation*, Paris: L'Harmattan, 1998.

FREITAS, Ernani Cesar; BARTH, Pedro Afonso. GÊNERO OU SUPORTE?: O ENTRELACAMENTO DE GÊNEROS NO TWITTER. (Con) **Textos Linguísticos**, Espírito Santo, v. 09, ed. 12, p. 08-26, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/issue/view/568>. Acesso em: 11 mar. 2022.

LEMKE, Jay. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 49, n. 2, p. 455-479. 2010. [Translation of Metamedia Literacy: Transforming Meanings and Media, 1998]. http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/stories/fruit/pdf/LETRAMENTO_META_MIDITICO_Lemke_Ftima_Tamamnini.pdf.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 11. ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2008. p 99.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola Editorial, 2008. 296p.

MARX, K. O Capital - **Livro I – crítica da economia política**: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279, p.

NETO, José Venancio De Sousa. O papel do texto multimodal nas aulas de língua portuguesa. Anais IV SINALGE... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/27529>>. Acesso em: 16/03/2022 06:55

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 105-134, 2020. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v33i3p105-134. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 24 abr. 2022.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. **Raído**, [S. l.], v. 11, n. 25, p. 178–201, 2017. DOI: 10.30612/raido.v11i25.6507. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507>. Acesso em: 24 abr. 2022.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras: Estudos midiáticos**, [s. l.], v. 16, ed. 2, maio/agosto 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/>. Acesso em: 11/08/2020

RECUERO, R; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos**, Rio Grande do Sul, v. 12, ed. 2, p. 69-81, Maio/Agosto 2010. DOI <https://doi.org/10.4013/4668>.

Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/4668>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SOUSA, Maíra. A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet: a forma de apresentação das postagens no Twitter e no Facebook. **Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos**, [s. l.], v. 17, ed. 2, p. 199-212, Maio/Agosto 2015. DOI <https://doi.org/10.4013/fem.2015.172.07>. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.172.07>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VIAN JR., O.; ROJO, R. Letramento multimodal e ensino de línguas: a Linguística Aplicada e suas epistemologias na cultura das mídias. **Raído**, [S. l.], v. 14, n. 36, p. 216–232, 2020. DOI: 10.30612/raido.v14i36.12045. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/12045>. Acesso em: 30 abr. 2022.

VOLÓCHINOV, V. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Traduzido por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. 376p.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. A disseminação cronotópica de enunciados prototípicos nas relações dialógicas: A dinamicidade de "Ele não me representa". In: BUTTURI JUNIOR, Atilio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago Barbosa (Org.). **No campo discursivo**. Campinas: Pontes, 2020. Cap. 2. p. 269- 294.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. Enunciados Prototípicos e o Discurso Outro no Debate Político na Mídia Eletrônica Brasileira. In: COSTA, Dóris de Arruda C. da; GRIGOLETTO, Evandra; CORTEZ, Suzana Leite (Org.). **Representação dos Dizeres na Construção dos Discursos**. Campinas: Pontes, 2018. Cap. 6. p. 121- 140.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. Diálogo social: cruzamentos discursivos a partir de um enunciado-acontecimento-tema. In: RODRIGUES, R. H; ACOSTA-PEREIRA, R (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**, 2016. p. 109-128

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. “Palavra de ordem” e o discurso outro: retomadas do enunciado “Je suis Charlie”. **Investigações**, [s. l.], v. 28, ed. Especial, dezembro 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/issue/view/122>.